


VLADIMIR ILITCH

LENINE



Páginas do Diário (1923)

ORGANIZAÇÃO REGIONAL DE LISBOA DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS 

Páginas do Diário¹

Vladimir Ilitch Lênine
1923

Escrito a 2 de Janeiro de 1923
Publicado em 4 de Janeiro de 1923 no nº 2 do *Pravda*
Presente tradução na versão das Obras Escolhidas de V.I.Lênine
Edição em Português da Editorial Avante, 1977, t3, pp 653-656
Traduzido das O. Completas de VI Lênine 5ª Ed. russo
t.45 pp 363-368

¹ No texto dactilográfico, o título do artigo não aparece. No *Pravda*, o artigo foi publicado sob o título *Páginas do Diário*.

O artigo de Lênine exerceu uma influência directa sobre as tarefas da instrução pública no país. Em 10 de Janeiro de 1923, o Comissariado do Povo da Educação, num radiograma aos departamentos da instrução pública, propôs que se divulgasse amplamente o artigo «*Páginas do Diário*» e se elaborassem medidas concretas para o cumprimento das indicações de Lênine contidas nesse artigo.

O trabalho publicado há dias sobre o grau de alfabetização da população da Rússia, segundo os dados do censo de 1920 (*O Grau de Alfabetização na Rússia*, Moscovo, 1922, Direcção Central de Estatística, Secção de Estatística da Instrução Pública), constitui um fenómeno muito importante.

Cito a seguir um quadro sobre o grau de alfabetização da população da Rússia nos anos 1897 e 1920, retirado desse trabalho:

	Homens alfabetizados por 1000		Mulheres alfabetizadas por 1000		Total de habitantes alfabetizados por 1000	
	1897	1920	1897	1920	1897	1920
Rússia Europeia	326	422	136	255	229	330
Cáucaso Setentrional	241	357	56	215	150	281
Sibéria (Occidental)	170	307	46	134	108	218
Total	318	409	131	244	223	319

Enquanto nós tagarelávamos sobre a cultura proletária e sobre a sua relação com a cultura burguesa, os factos oferecem-nos números que mostram que mesmo em relação à cultura burguesa a nossa situação é muito fraca. Verifica-se, como era de esperar, que estamos muito atrasados no campo da alfabetização geral, e que mesmo o nosso progresso em relação à época tsarista (1897) é demasiado lento. Isto representa uma terrível advertência e uma censura dirigidas àqueles que pairavam e pairam no empíreo da «cultura proletária». Isto mostra quanto trabalho duro e persistente precisamos ainda de realizar para alcançar o nível de um Estado civilizado comum da Europa Occidental. Mostra, além disso, que enorme trabalho temos de realizar para conseguir, com base nas nossas conquistas proletárias, alcançar um nível cultural minimamente elevado.

É necessário que não nos limitemos a esta tese indiscutível, mas demasiado teórica. É necessário que durante a próxima revisão do nosso orçamento trimestral nos entreguemos e de maneira prática à tarefa. Naturalmente que, em primeiro lugar, devem ser reduzidas não as despesas do Commissariado do Povo da Instrução Pública, mas as despesas dos outros departamentos, a fim de que as somas libertas possam ser afectas às necessidades do Commissariado do Povo da Instrução Pública. Não se deve ser mesquinho com o aumento da ração de pão dos professores num ano como o actual, em que estamos relativamente bem abastecidos.

De modo geral, o trabalho que actualmente se realiza no domínio da instrução pública não pode qualificar-se de demasiado estreito. Faz-se muito para estimular o velho professorado, para atraí-lo para novas tarefas, para interessá-lo na nova maneira de colocar as questões pedagógicas, para os interessar por questões como a questão da religião.

Mas não fazemos o principal. Não nos preocupamos, ou não nos preocupamos de modo suficiente, em elevar o professor primário a um nível sem o qual está fora de questão qualquer cultura: nem proletária, nem sequer burguesa. O que está em questão é a incultura semiasiática, da qual não conseguimos sair até agora e da qual não conseguiremos sair sem sérios esforços, apesar de termos todas as possibilidades de sair, pois em parte nenhuma as massas populares estão tão interessadas pela verdadeira cultura como entre nós; em parte nenhuma as questões desta cultura se colocam dum modo tão profundo e consequente como entre nós; em parte nenhuma, em nenhum país, o poder de Estado se encontra nas mãos da classe operária, que na sua massa compreende perfeitamente as deficiências, não direi da sua cultura, mas do seu grau de alfabetização; em parte nenhuma como entre nós ela está tão pronta a fazer tantos sacrifícios e os faz para melhorar a sua situação neste aspecto.

Fazemos ainda muito pouco, pouquíssimo, para deslocar todo o nosso orçamento de Estado para a satisfação, em primeiro lugar, das necessidades da instrução pública elementar. Mesmo no Commissariado do Povo da Instrução Pública podemos encontrar frequentemente um monstruoso excesso de pessoal numa qualquer editora do Estado, fora de quaisquer preocupações de que a atenção principal do Estado deve ser não pelas editoras, mas para que haja leitores, para que haja um maior número de pessoas que saibam ler, para que na futura Rússia as edições tenham uma maior amplitude política. Por um antigo (e mau) costume, ainda dedicamos muito mais tempo e energias às questões técnicas, por exemplo, à questão das editoras, do que à questão política geral do grau de alfabetização do povo.

Se tomarmos a Glavprofobr², estamos certos de que também aqui poderíamos encontrar nela muito e muito de supérfluo, de exagerado pelos interesses departamentais, inadequados às necessidades duma ampla instrução pública. Na Glavprofobr nem tudo se justifica, longe disso, pelo legítimo desejo de elevar primeiro e dar uma orientação prática à instrução da nossa juventude das fábricas. Se examinarmos atentamente o quadro de pessoal da Glavprofobr, encontraremos muito, muitíssimo de excessivo e de fictício deste ponto de vista e que deve ser encerrado. Num Estado proletário e Camponês pode-se economizar e deve-se economizar muito e muito para desenvolver a alfabetização do povo, à custa do encerramento de toda a espécie de jogos de tipo semi-senhorial, ou das instituições sem as quais podemos, poderemos e deveremos passar ainda muito tempo, tendo em conta o estado de alfabetização do povo de que fala a estatística.

O professor primário deve ser elevado no nosso país a um nível que nunca teve, não tem nem pode ter na sociedade burguesa. Isto é uma verdade que não precisa de demonstração. Devemos caminhar para esse estado de coisas com um trabalho sistemático, infatigável e perseverante na sua elevação espiritual e na sua preparação multilateral com vista ao seu título efectivamente elevado e, o que é principal, principal e principal, na elevação da sua situação material.

É preciso reforçar sistematicamente o trabalho de organização dos professores primários para os transformar de apoio do regime burguês, como o são até agora em todos os países capitalistas sem excepção, num apoio do regime soviético, para através deles desviar o campesinato da aliança com a burguesia e atraí-lo para a aliança com o proletariado.

Assinalarei brevemente o papel especial que devem desempenhar para isto as viagens sistemáticas ao campo, que de resto já se praticam entre nós e que devem ser desenvolvidas planificadamente. Em medidas como estas viagens não é de lamentar gastar o dinheiro que frequentemente se esbanja num aparelho estatal que pertence quase por completo a uma velha época histórica.

Reuni materiais para o meu discurso no congresso dos Sovietes, em Dezembro de 1922 - discurso que não cheguei a pronunciar -, sobre o patrocínio da população dos campos pelos operários urbanos. Alguns materiais sobre isto foram-me proporcionados pelo camarada Khodoróvski. E hoje coloco este tema perante os camaradas para que o estudem, pois eu próprio não pude estudá-lo e torná-lo público através do congresso dos Sovietes.

Aqui a questão política fundamental consiste na atitude da cidade em relação ao campo, que tem uma importância decisiva para toda a nossa revolução. Ao mesmo tempo que o Estado burguês orienta sistematicamente todos os seus esforços no sentido de embrutecer os operários da cidade, adaptando a esse fim toda a literatura que se edita por conta do Estado, por conta dos partidos tsaristas e burgueses, nós podemos e devemos empregar o nosso poder no sentido de transformar realmente o operário da cidade em portador das ideias comunistas para o seio do proletariado agrícola.

2 **Glavprofobr:** Direcção Principal das Escolas Politécnicas Profissionais e dos Estabelecimentos de Ensino Superior do Commissariado do Povo da Educação.

Disse «comunistas», mas apresso-me a expor algumas reservas, receando que isto suscite confusão ou seja entendido demasiado à letra. Isto de modo nenhum deve ser entendido como se devêssemos levar imediatamente ao campo as ideias pura e exclusivamente comunistas. Enquanto não tivermos no campo uma base material para o comunismo, isso seria, podemos afirmá-lo, prejudicial, isso seria, podemos afirmá-lo, funesto para o comunismo.

Não. É preciso começar por estabelecer relações entre a cidade e o campo, sem se propor desde logo como objectivo premeditado introduzir o comunismo no campo. Este objectivo não pode ser alcançado agora. Este objectivo é inoportuno. Propor-se tal objectivo não seria útil, mas prejudicial, à causa.

A nossa obrigação e uma das tarefas fundamentais da classe operária, que se encontra no poder, é estabelecer relações entre os operários da cidade e os trabalhadores do campo, estabelecer entre eles uma forma de camaradagem que possa ser facilmente criada entre eles. Para isso é preciso fundar uma série de associações (do partido, sindicais, privadas) de operários fabris, que estabeleçam a si próprias como objectivo sistemático ajudar o campo no seu desenvolvimento cultural.

Conseguiremos nós.«repartir» todas as células urbanas por todas as do campo, de modo a que cada célula operária «repartida» a uma célula correspondente do campo se preocupe sistematicamente, em cada momento e em cada caso, em satisfazer tal ou tal necessidade cultural da sua cocélula? Ou conseguiremos encontrar outras formas de ligação? Aqui limito-me a colocar a questão para chamar para ela a atenção dos camaradas, para lhes indicar a experiência da Sibéria Ocidental (foi o camarada Khodorovski que me contou esta experiência) e para expor em toda a sua dimensão esta gigantesca tarefa cultural de importância histórica mundial.

Não fazemos quase nada para o campo fora do nosso orçamento oficial ou fora das nossas relações oficiais. É verdade que as relações culturais entre a cidade e o campo adquirem por si mesmas entre nós, e adquirem inevitavelmente, outro carácter.

Sob o capitalismo a cidade dava ao campo aquilo que o degradava política, económica, moral e fisicamente, etc. Entre nós a cidade começa a dar ao campo exactamente o contrário. Mas tudo isto se faz precisamente por si só, espontaneamente, e tudo isto pode ser reforçado (e depois também multiplicado cem vezes), tornando esse trabalho consciente, regular e sistemático.

Só começaremos a avançar (mas então avançaremos sem qualquer dúvida cem vezes mais rapidamente) quando submetermos esta questão a estudo e fundarmos toda a espécie de associações operárias - evitando por todos os meios a sua burocratização - com o fim de colocar, discutir e levar à prática esta questão.